

A beira-rio, ou mais propriamente, a cidade ribeirinha, assim percebida, parece rica em experiências e vivências, plenas de conteúdos que podem exteriorizar formas; formas estas que sejam extensões de relações e de sociabilidades e que possam ser refletidas em imagens que se tornem extensões do próprio rio, sob pena de fazermos deste último simples simulacro da própria cidade. Fala-se aqui, mais do que revitalização de formas espaciais voltadas para a contemplação dos visitantes, de revitalização/potencialização de conteúdos, ou mesmo de projeções de conteúdos sociais e culturais locais, cuja existência tem sido cada vez mais residual por conta da imposição de formas espaciais urbanas que buscam formatar novas relações e outras culturas.

#### NOTA

- 1 Essa tipologia é, em parte, semelhante àquela proposta por Fremont (1976), que busca, na análise regional, caracterizar os espaços regionais a partir de suas identidades.

#### REFERÊNCIAS

- FRÉMONT, A. *La région, espace vécu*. Paris: PUF, 1976.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Espacio y política*. Barcelona: Península, 1976.
- MARIN, R. E. A.; CHAVES, E. Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia. In: XIMENES, T. (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia XXI*. Belém: NAEA, 1997. p.407-27.
- OLIVEIRA, J. A. *Cidades na selva*. Manaus: Valer, 2000.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994. (Col. Geografia: Teoria e Realidade, 25).
- SOUZA, M. L. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

## FEIRA DO VER-O-PESO: CARTÃO POSTAL DA AMAZÔNIA OU PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE?<sup>1</sup>

Marilu Marcia Campelo

*Departamento de Antropologia/UFPA*

#### INTRODUÇÃO

Vi os mercados e a feira cheios de pessoas. Havia uma cultura de se comprar no Ver-o-Peso, todas as pessoas de todas as classes sociais vinham se abastecer no local. Nos dias atuais, não se vê mais nada disso. (Vendedor do interior do Mercado de Ferro, ficha n. 24).

A Prefeitura Municipal de Belém possui um projeto que visa o tombamento da área denominada Complexo do Ver-o-Peso como Patrimônio da Humanidade, incluindo a feira e o centro histórico da cidade. Para sua elaboração, a Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), no período de 1999 a 2000, coordenou uma série de pesquisas objetivando preparar um dossiê para ser encaminhado ao Ministério da Cultura e, posteriormente, ao Monumenta da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). O trâmite desse documento baseia-se em um processo lento e exige uma série de transformações estruturais, dentre as quais, um Projeto de Revitalização (compromisso de campanha da atual administração municipal que será finalizado no ano de 2003). Sabemos que a infraestrutura da feira do Ver-o-Peso e demais áreas do centro histórico de Belém devem ser melhoradas e os seus principais problemas resolvidos, mas a palavra final caberá à visita de uma equipe da UNESCO que avaliará o pedido para que o local seja tombado. Atualmente, o pedido encontra-se em análise e o processo de nomeação pode demorar até dois anos.

No entanto, qualquer pesquisa na feira do Ver-o-Peso enfrenta uma série de dificuldades, podendo acontecer um desgaste, chegar-se a resultados insatisfatórios, à exploração da imagem dos feirantes ou até mesmo deparar-se com o descaso do poder público. Esses problemas foram vivenciados pela atual Prefeitura durante o desenvolvimento de seu trabalho

que tinha como objetivo articular o interesse coletivo com a manutenção do equilíbrio social e das condições ambientais. Tal iniciativa desdobrou-se em dificuldades operacionais criadas tanto pelo poder público como pela população envolvida.

Se verificarmos a história do Complexo do Ver-o-Peso, constataremos que sua última reforma ocorreu em 1984.<sup>2</sup> Sobre essa época, com grande saudosismo, os feirantes e algumas pessoas da população contam que era possível caminhar pela feira com segurança e até mesmo almoçar nas barracas sem maiores preocupações. Segundo eles, o fim de tarde no setor de alimentação era muito valorizado. Mas, em menos de cinco anos, o local voltou a ser deteriorado não passou por nenhuma manutenção significativa. Ano após ano, vinha apresentando sinais de desgaste, haja vista o intenso processo de degradação espacial e ambiental.

Por esse motivo, durante a elaboração desta pesquisa, surgiram inúmeras reclamações e sugestões para o destino da feira. Havia quem reclamasse que a reforma geral do setor deveria removê-la, acreditando que seu melhor destino é tornar-se praça e cais à beira-rio para o passeio de turistas e de famílias; outros sugeriram sua transformação em “feira típica”, com barracas de artesanato e produtos típicos da região, como ocorre em algumas cidades turísticas; havia ainda aqueles que gostariam de vê-la transformada em um mercado fechado, contendo vendedores cadastrados, guardas e horário de funcionamento. O fato é que qualquer mudança na feira do Ver-o-Peso é uma tarefa ingrata para qualquer administração municipal. Sempre houve muitas propostas e poucas soluções efetivas. Apesar disso, o Projeto de Revitalização e seu possível tombamento como Patrimônio da Humanidade apresentam-se como uma esperança de reverter essa situação.

Essas são algumas das tentativas de se manter “viva a memória de Belém”, cidade que, atualmente, ostenta a alcunha “daquela que já teve” ou “daquela que foi um dia o cenário principal da *Belle Époque*” (final do século XIX até 1920). O seu Centro Histórico, mapeado pela “mancha urbana” do século XVIII, foi tombado em 1989 pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN). No presente momento, o interesse da cidade é reunir-se aos demais centros históricos

que já são Patrimônios da Humanidade, como Ouro Preto, Olinda, Salvador, São Luís e Diamantina.

Mas, alguns pontos devem ser levantados: A quem interessa essa “corrida” em busca do título de Patrimônio da Humanidade? Como preservar uma área cujo processo de descaracterização ambiental e arquitetônico já vem ocorrendo há muito tempo? Será possível reconstruir o que já foi destruído? O Complexo do Ver-o-Peso, principalmente a sua feira, tem condições de receber esse título? Por último, a quem pertence, de fato, o patrimônio cultural existente?

### A GÊNESE: HERANÇA CULTURAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA HISTÓRICA

À noite as pessoas vinham fazer seresta, o boto subia pra dançar, todo de branco [...] (Vendedor do setor de industrializados, ficha n. 36).

Na época do Barata, mandava os ladrões morrer longe da cidade (Vendedor do setor de caranguejos, ficha n. 36).

Quantos Ver-o-Peso existem entre a baía do rio Guajará e a cidade de Belém, onde outrora conviveram índios, brancos e negros?

O Ver-o-Peso, idílico e comercial dos tempos atuais, nasceu de um entreposto comercial de tradição colonial, conhecido como Posto Fiscal, local onde era compulsório “ver o peso” das mercadorias que ali chegavam para o consumo da cidade e do comércio regional. No século XVII, em data imprecisa, foi instituída, no Pará, a Casa de Ver o Peso, construída em um alagadiço onde passava um estreito igarapé, sendo a renda destinada à Coroa Real. Um ancoradouro natural, nas margens do rio Piri, permitiu o desenvolvimento de um ponto de chegada e saída dos barcos e navios que ora penetravam para o interior da região amazônica e ora aventuravam-se mar afora (MEIRA FILHO, 1998). Sua gênese está vinculada à história de Belém, cidade portuária por excelência, e desde a sua origem até a primeira metade do século XX, foi o principal centro de abastecimento de gêneros alimentícios do lugar. Embora sofra, hoje, com a concorrência de outras feiras e supermercados, ainda possui importância inegável como uma das principais áreas de abastecimento da cidade.

Do século XII ao século XX, muitas mudanças ocorreram, trazendo grandes transformações ao Ver-o-Peso em seu aspecto geográfico e cultural. Esse lugar foi testemunha ocular das transformações históricas, políticas e sociais de uma cidade que cresceu “de costas” para sua origem (o rio), transformando-se em uma cidade urbana com traços de metrópole, e teve sua paisagem natural modificada em nome do desenvolvimento industrial e tecnológico. Apesar disso, o “velho Ver-o-Peso”, querido e indesejado, continuou. Atualmente, com seus 300 anos de existência, é passagem obrigatória para quem visita Belém durante o Círio de Nazaré, além de cartão-postal e porta de entrada para a Amazônia. Sua área, tal qual conhecemos hoje, foi concluída em 1913 em decorrência da construção do porto de Belém, período durante o qual extensa faixa da orla foi aterrada (da antiga doca do Ver-o-Peso (igarapé do Piri) até a doca do Reduto) e vários trapiches encampados e demolidos para dar lugar ao cais e à Boulevard Castilhos França, uma das avenidas principais do comércio.

O “velho Ver-o-Peso”, símbolo de Belém, apresenta as várias faces de uma região que teima em resistir à pressão homogeneizadora da memória nacional. Muito mais do que um complexo arquitetônico, é um lugar cultural e humanístico, onde são perpetuadas as relações de troca que caracterizam as cidades portuárias e evidenciam a tendência comercial que a cidade apresenta desde sua origem (Boletim da SEURB, 1988, p.1). Sua feira deve ainda sobreviver por mais um século. Senão, o que explicaria o irremediável orgulho paraense? É um lugar que guarda histórias “por contar e por viver”. Sua importância no cotidiano da cidade pode ser encontrada em textos literários, romances, crônicas de jornais, relatos de viajantes, pesquisas históricas, programas de TV, assim como na memória da cidade. É notável o papel que desempenha como articulador de eventos, festas, construção de identidades e demarcação de um território como patrimônio cultural que provoca diferentes concepções que assumem significados peculiares de acordo com os interesses das diferentes classes sociais existentes na cidade.<sup>3</sup>

A feira do Ver-o-Peso completou 315 (trezentos e quinze) anos de existência. Situada entre o rio e a parte antiga da cidade, sofreu poucas modificações estruturais, ao contrário do espaço em sua volta. O panorama geográfico, modificado ao longo dos anos, compreende a área privilegiada

de qualquer cidade portuária: a margem de um rio. Não há, nessa margem, uma arquitetura marcante, com a exceção, talvez, do Mercado de Peixe, o Mercado de Carne e o prédio do antigo Entrepósito Fiscal. Os velhos casarões do século passado, da *Belle Époque* belemense desapareceram quase todos, observando-se, em alguns pontos, um pouco de *art déco*. Em um panorama geral, predomina a inspiração híbrida da arquitetura que se estabeleceu nas cidades urbanizadas do século XX.

#### O PRESENTE: IMAGENS E VOZES DA FEIRA

A cobra grande que existe ali na escadinha, e todo ano, ela vem e leva um no inverno. Todo ano morre um. E diz que quando ela sair dali vai acaba de morrer um. Diz que ele puxa, mata e afoga (Vendedor do setor de hortifrutigranjeiros, ficha n. 133).

No período da chuva, ela se agita e vai até a área onde funciona a loja Manuelito, na João Alfredo. E que no período da maré grande, a calçada cede por conta da agitação da cobra (Vendedor do setor de refeições e lanches, ficha n. 37).

Nos dias de hoje, a feira do Ver-o-Peso carrega uma inquietude, misto de tradição e esquecimento, como um pólo de resistência às transformações do mundo moderno como ocorre com outros mercados e feiras municipais existentes no país, como por exemplo o Mercado de São Jorge em São Luís (FERRETI, 1985) e a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro (JÚNIOR; PORTO, 2002). A melhor maneira de conhecer seu espaço é percorrendo-o, conversando com seus vendedores para, então, se ter uma noção exata de como funciona, ou seja, um passeio no tempo e no espaço. Na realidade, há no Ver-o-Peso, um mercado a céu aberto com uma cronologia própria, várias feiras. Horários e feiras entrecruzam-se, opõem-se, entrelaçam-se e, ao mesmo tempo, permanecem com seus códigos e normas, sua estética e moralidade. No que se refere à questão espacial, podemos dizer que sua feira estende-se ao longo de uma das principais avenidas do centro comercial da cidade, iniciando na doca onde ancoram os pescadores (a “pedra”) que abastecem o mercado até a Praça do Pescador, ao lado da Estação das Docas. Apesar de, à primeira vista, parecer um espaço desorganizado onde as pessoas se confundem e se

chocam com os vendedores, possui uma estrutura organizacional peculiar. Dessa forma, é possível identificar a comercialização de produtos diversos: verduras, frutas, legumes, peixes frescos e salgados, camarão, mariscos, caranguejos, animais vivos, ervas medicinais, amuletos da sorte, farinha de todos os tipos, maniva (folha da mandioca moída), tucupi (líquido extraído da mandioca brava), pimentas, carnes secas, ferragens, roupas, calçados, plantas, artesanatos, cerâmicas, bebidas alcoólicas, refrigerantes, refeições, lanches etc.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Comércio da Prefeitura (SECOM) e pela Comissão de Feirantes, a feira estava dividida em 16 setores, com 873 feirantes (cadastrados e ambulantes) trabalhando em 1.320 barracas. No entanto, esses números não são exatos, uma vez que o local abrigava muito mais pessoas do que o registrado, havendo uma disparidade entre o número de feirantes cadastrados, feirantes que, apesar de cadastrados, deixaram de pagar as taxas e os ambulantes. Segundo a perspectiva dos feirantes, esse número seria em torno de 1.000 a 1.500 pessoas em atividade na área.

A caminhada pelo Ver-o-Peso deve começar de madrugada em torno de quatro horas da manhã. Sua rotina diária inicia-se cedo. Horário em que os primeiros barcos começam a atracar no cais, trazendo peixes, mariscos, frutas, legumes, temperos, enfim, produtos diversos vindo das Ilhas.<sup>1</sup> Também, é hora dos caminhões de abastecimento chegarem com suas mercadorias que serão negociadas no decorrer do dia. Quando o sol surge, aproximadamente às cinco e meia da manhã, o trabalho de descarregamento já está acabando. Após isso, inicia-se o fluxo de comercialização das mercadorias a serem descarregadas nos carros e nos pequenos caminhões, e a chegada dos primeiros compradores (pequenos comerciantes e feirantes). Ao mesmo tempo, é hora do preparo do café da manhã no setor de refeições: café com pão, leite, tapioca, cuscuz, bolo de macaxeira, sanduíches, mingau de sabores regionais (banana comprida, milho, açaí, tapioca etc) e sopão, que servirá para restaurar as forças dos feirantes que passarão o dia no trabalho, bem como dos boêmios.

Após esse momento, o dia da feira já está a todo vapor e já podemos observar cenas cotidianas, como ruídos, cheiros de frutas amassadas no

chão, odor da maniva moída na hora, mulheres, em sua maioria sozinhas, fazendo compras diárias, homens carregando painéis à cabeça, vendendo ou comprando mercadorias, o regatão e o pregão dos produtos, seguranças particulares, contratados pelos próprios feirantes, circulando pelo local, policiais militares atentos procurando coibir a ação de ladrões e a venda de animais e de produtos proibidos pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA); são clientes costumeiros em busca de suas barracas preferidas. Alguns turistas, eventualmente, chegam em caravanas, atraídos pelos sons e pelos cheiros exóticos. Ao meio-dia, o fluxo de pessoas aumenta cada vez mais porque é hora do almoço. No setor das refeições, outros aromas tomam conta do lugar, sendo que o peixe-frito, a maniçoba, o vatapá e o caruru sobressaem-se dentre tantas iguarias, como a carne ensopada, a carne assada com batata, o macarrão, a sopa etc. Esse intenso movimento prolonga-se até às quatorze horas e contribui para encobrir outras atividades que ali se dão, como policiais que, eventualmente, circulam pelo local, vendedores de comida e de café não cadastrados e apontadores do jogo do bicho. Se percorrermos a extensão da feira a partir da “pedra” da doca até a Praça do Pescador, poderemos perceber como sua aparência vai se alterando de acordo com os produtos negociados e como os feirantes possuem características e peculiaridades segundo o produto que vendem e o espaço que ocupam.

Após o almoço, alguns setores começam a concluir suas atividades. O setor de peixe fecha o seu comércio mais cedo (por volta das quatorze horas), enquanto os que trabalham com produtos manufaturados, como roupas, refeições e artesanato, permanecem até às dezoito horas. Mas, o barulho cessa praticamente somente às dezessete horas. Não é mais um bom horário para compras e passeios; é hora de arrumar as coisas, guardar as mercadorias no depósito e esperar os vigias da noite. Outras pessoas passam a tomar conta desse espaço, outras relações serão estabelecidas. E a feira passa a ser o território dos boêmios, de homens e mulheres da noite, dos meninos e meninas de rua que irão escolher um local para passarem a noite, dividirem os lucros do dia ou até mesmo “cheirarem cola”.

De madrugada, os barcos (as geleiras) atracam e, por volta das quatro horas, os balanceiros, espécie de atravessadores que revendem o peixe para o Mercado de Ferro e para os feirantes. Em seguida, chegam os

feirantes vendedores de peixe. É possível observar diferenças significativas entre as duas categorias de vendedores no que diz respeito aos laços de amizade, solidariedade e familiares. Alguns deles já trabalharam nos barcos pesqueiros (as geleiras) e depois passaram a vendedores de peixe. É interessante essa ampla rede de comercialização em que o preço define o fornecedor e cada um possui uma localização estratégica para a venda. A maioria comercializa peixes de água doce e/ou salgada. E podemos encontrar à venda peixes populares (mapará, piramutaba, gurijuba, traíra, bagre, arraia, pescada gó, cambina, cação, aba e grude e, eventualmene, mariscos) e peixes nobres (douradas, pescada amarela, pescada branca, filhote, pirarucu fresco e tainha). A procedência varia, podendo vir do interior do Estado do Pará ou da costa marítima do país e do Suriname.

Nas cercanias do Mercado de Peixe, vamos encontrar pequeno número de vendedores de caranguejos durante a metade da semana, número que se multiplica nos fins de semana. Os caranguejeiros são um grupo tradicional da feira que fazem parte da memória do Ver-o-Peso na medida em que já foram retratados em quadros, versos e crônicas de jornais. São considerados um grupo flutuante tanto em número como no espaço, uma vez que preferem circular pela feira em busca do freguês. O produto vendido por eles é adquirido no entreposto da cidade. Alguns vendem seus produtos (patinhas, massa ou caranguejos vivos) em um “casco” (caixa de geladeira que pode ser de alumínio, ferro ou madeira); outros amarram os caranguejos em forma de pencas; há ainda aqueles que os colocam em paneiros ou carrinhos de mão improvisados e circulam pela feira. Pouquíssimos sabem detalhar, com precisão, o local de origem de seu produto, referindo-se mais ao entreposto comercial do que às zonas de coleta de caranguejo, as quais são citadas de forma genérica: São Caetano, Vigia, Bragança e Viseu, áreas do nordeste do Pará. Suas respostas são lacônicas e refletem um pouco a maneira como exercem suas atividades (flutuante).

A construção que se sobressai no local é o Mercado de Ferro, mais conhecido como Mercado de Peixe. Foi trazido desmontado da Inglaterra e construído na gestão do governador Antônio Lemos, em 1897. Atualmente, em seu lado externo funcionam 27 lojas com venda de artigos de pesca, artigos de estiva, lojas de material esportivo, bares, lanchonetes, farmácia, produtos descartáveis, confecções, material elétrico, loja de

tecidos, tabacaria, produtos religiosos (afro-brasileiros e católicos), depósito, armazém e uma barbearia (fundada em 1928. A loja e o dono são considerados os mais antigos). O lado interno do mercado abriga um dos maiores mercados de peixe da região, com 69 boxes em funcionamento. A rivalidade dos vendedores de dentro do mercado de peixe com os da calçada é enorme. Essa construção é, também, um dos pontos altos de várias manifestações religiosas em épocas diferenciadas. Outrora, serviu de palco para as festas para o caboclo Zé Raimundo (entidade dos terreiros de Mina Nagô) e para a Festa de São Benedito da Praia (retratada detalhadamente por Menezes em 1959 (1993)). É considerado um dos pontos altos da procissão do Círio de Nazaré, durante a qual acontece a homenagem (queima de fogos de artifício) que o Sindicato dos Peixeiros faz em honra à santa.

Nos arredores do Mercado de Ferro, encontramos uma variedade de vendedores cadastrados e ambulantes que vendem hortifrutigranjeiros. Atrás, no cais à beira do rio, estão os feirantes cadastrados. É o lugar onde funcionava o antigo setor de hortifrutigranjeiros e que, atualmente, encontra-se com várias barracas desativadas devido a uma promessa de reforma que não foi iniciada, gerando um certo desconforto entre os feirantes que vendem este artigo e os ambulantes, pois ambos disputam um espaço na frente do Ver-o-Peso. Em geral, esses feirantes vendem uma diversidade de produtos regionais e importados de outras regiões do país que contribuem para o crescimento dos cheiros e dos odores do Ver-o-Peso, seguindo a demanda do mercado. Eles vendem frutas e legumes regionais e importados, temperos, hortaliças, favas, condimentos, pimentas, polpa de frutas adquiridas nos entrepostos comerciais, além de cigarros, cafezinhos, lanches, sanduíches, tapioca, cuscuz e apostas do jogo do bicho. Ao caminharmos em direção ao centro da feira, passamos pelo estacionamento de caminhões que a abastecem, por um quiosque (onde funciona um bar) e, mais atrás, pelo setor de ervas medicinais.

Apresentado, atualmente, como o espaço mais tradicional da feira, o setor de ervas medicinais apresenta uma das mais fortes tradições da população de Belém. É o lugar onde os feirantes oferecem remédios para os mais diversos tipos de doenças, banhos para problemas financeiros e espirituais e amuletos para dar sorte. O conhecimento da eficácia dessa

prática já atravessa as fronteiras do Estado e, por isso, as crenças caboclas se impõem, o que é justificado pelo intenso movimento nessas barracas (FIGUEIREDO, 1987). Nesse setor, duas famílias de mulheres dominam, levando-nos a observar que se trata de um espaço predominantemente feminino. Elas passam o dia em suas barracas atendendo a clientela com um simpático “O que você deseja?” “Qual é o seu problema? Nós temos a solução” ou oferecendo, de imediato, seus produtos: plantas medicinais (folhas, seivas, extratos, cascas, raízes e infusões), óleos, banhas, essências de perfumes, sementes, “garrafadas”, pedaços de animais (como o sexo do boto macho e da fêmea, fígado de urubu, uirapuru seco, aranhas etc), remédios a base de cobras, aranhas em álcool, peles etc. São produtos adquiridos em sua maioria no Estado do Pará e, eventualmente, são encomendados em outros estados, como Piauí, Maranhão, Bahia e São Paulo. Algumas ervas têm funções medicinais e outras servem para usos religiosos ou místicos, sendo preparadas na forma de “banhos de cheiro”, cuja função é proteger ou purificar o corpo e a residência de quem os adquire. Os “banhos” são vendidos prontos, mas a pessoa também pode comprar as ervas separadas para prepará-los em casa. Para isso, misturam-se folhas, cascas, flores, essências e raízes que, segundo a tradição paraense, têm o poder de atrair a sorte, proteger contra o olho gordo (inveja), cortar feitiços, trazer felicidade, sorte no jogo, atrair amores e aumentar ou diminuir a sexualidade. Um “banho de cheiro” pode conter até quarenta tipos de ervas e produtos variados. Essas mulheres são responsáveis pelo abastecimento dos inúmeros terreiros de umbanda existentes em Belém. O movimento das barracas, segundo os vendedores, cresce a partir da quinta-feira, sendo a sexta-feira considerada um dos melhores dias para os banhos e outros trabalhos da mesma natureza. O melhor período de venda é o mês de junho, por ocasião das festas juninas, e a época de final de ano, quando as pessoas procuram o local para comprar banhos de descarga e atrativos da sorte.

O centro da feira do Ver-o-Peso é um “espaço eclético” no que diz respeito aos artigos vendidos, sendo denominado de “diversos” e mais conhecido como “uns e outros”. Vende de tudo um pouco: mercearia em geral, maniva, tucupí, mandioca, temperos, farinhas, cereais, ervas medicinais, artesanato, frutas, aguardente, plantas ornamentais, camarão

seco, condimenteos, perfumes, mel de abelha, refeição, lanches, bebidas, fumo, conserto de relógio, discos, fitas cassetes usadas, ferragens, jogo do bicho e produtos descartáveis. É uma área que agrupou pequenos setores e que praticamente parece outra feira dentro do Ver-o-Peso. As barracas de refeição e lanches ocupam um dos maiores espaços nessa feira e fazem parte de um setor considerado diferenciado, pois além da comida típica preparada no local, existem também refeições rápidas e lanches para o consumo dos próprios feirantes e populares de um modo geral. Além disso, é considerado o território das cozinheiras e “quituteiras” típicas da região, da feira de comidas e sabores. Ao lado das barracas de refeição, estão localizados os vendedores de produtos industrializados que comercializam roupas de cama, mesa, banho, sapatos e bolsas variadas. De um modo geral, a procedência de todo esse material é de revendedores por atacado da própria cidade de Belém e de fornecedores que vêm de outros estados (Ceará, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro).

Em meio às barracas, cheiros, cores e gostos, nossos passos nos guiam para a orla do rio. Ao fundo, do Solar da Beira até a Praça do Pescador, observamos o já citado cais à beira-rio (ou à beira-mar, como dizem os feirantes) que funciona como ponto de desembarque tanto de pessoas quanto de mercadorias provenientes das Ilhas. Nele encontramos os vendedores de animais, principalmente, de pássaros, de artesanato e de cerâmica.

Na década de 80 do século XX, os vendedores de artesanato e de cerâmica ocupavam um espaço no Solar da Beira, mas foram removidos do local em decorrência de uma reforma no setor e não mais retornaram. Diferentemente dos demais feirantes, alguns deles reivindicam para si a alcunha de artesãos porque comercializam seus próprios produtos. São ciosos em mostrarem-se como representantes de uma tradição tão pouco valorizada cujo maior cliente é o turista. Eles vendem artesanatos diversificados, em palha, mostrando a quantidade de produtos que esta atividade pode produzir, seguindo, inclusive, o ciclo das festas anuais, como a de São João, quando vendem mais chapéus e a do Natal, quando vendem peças com motivos natalinos. Os produtos mais vendidos são peneiras, esteiras, cuias decoradas e sem decoração, colher de pau, chapéus, cestas de vime de vários tamanhos, típitis, abanos, paneiros, patchouli, cheiros do Pará, brinquedos de miriti,

flores desidratadas, palha, balaio, pilãozinho de madeira, cipós, colares indígenas (Tembé), brinquedos de madeira em miniatura, potes de barro, vasos, panelas, talhas grandes e pequenas, vasos e peças decorativas com motivos marajoaras etc. São peças que representam sua criatividade em transformar, com habilidade, pedaços da natureza em arte.

Cada setor convida a longos períodos de observação, pois, conforme afirmamos, há várias feiras dentro da feira do Ver-o-Peso. É um lugar que guarda em si as características de um mercado persa que vende de tudo um pouco. E vale ainda afirmar que esse tipo de mercado não representa apenas a circulação de mercadorias, mas também a circulação de pessoas, de idéias, de valores e de bens “pois com os homens e mulheres que transportam estes produtos, vão as crenças, os sentimentos e as atitudes que se difundem” (VERGER; BASTIDE, 1992). É interessante observar a heterogeneidade de pessoas que trabalham naquele local. São de todas as idades e procedências, existindo até mesmo representantes da 4ª e 5ª gerações de uma mesma família. Entre jovens de 15 anos e adultos com até 79 anos de idade, observamos pessoas com aproximadamente 70 anos de experiência na feira, sendo que alguns deles, por freqüentarem o local há muito tempo, conheceram vários feirantes ainda crianças, época em que acompanhavam seus pais na labuta diária. Há pessoas que vieram para a feira por intermédio de amigos, parentes ou patrão já estabelecidos no Ver-o-Peso. Todavia, quase todos os feirantes aprenderam suas atividades com algum parente, geralmente o pai, a quem ajudavam desde pequenos, porém existem aqueles que aprenderam a trabalhar com amigos, patrão ou por meio de cursos de capacitação. Eles apresentam uma escolaridade diversificada: alguns são analfabetos, outros possuem o nível superior completo (pelo menos três deles são universitários). Como já possuem visão ampliada dos problemas, alguns mobilizam vários outros na defesa de seus direitos; é o caso da Comissão de Feirantes, por exemplo.

A maioria dos feirantes do Ver-o-Peso procede do Estado do Pará, contudo há outra parcela significativa de pessoas oriundas do Norte e Nordeste do país, como Amapá, Amazonas, Ceará, Goiás, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Rio Grande do Norte e Tocantins. Inclusive, encontramos a presença de estrangeiros trabalhando na feira, procedentes do Japão, de Portugal, da Itália e do Líbano. São imigrantes que lá se

instalaram em tempos remotos. Motivos diversos levaram essas pessoas a permanecerem como feirantes apesar de terem outra profissão e/ou ocupação. De um lado, trabalhar na feira revelou-se, para eles, uma alternativa mais vantajosa, visto que poderiam ganhar dinheiro mais facilmente, não ter horário rígido a cumprir e não ter patrão. De outro, o compromisso com a família, seja para sustentá-la ou para manter os negócios herdados de um algum parente, o que contribui para fixarem-se no local. Assim, ao responderem por que vieram trabalhar na feira, apresentam respostas bastante diferentes (trabalhar por conta própria, aventura, sozinho, independência financeira, falta de opção de trabalho/alternativa, oportunidade, sobrevivência, baixa escolaridade, ajudar parentes e namorado(a), assumir os negócios da família, herança, tradição, fluxo comercial, ganhar mais dinheiro, instinto para os negócios, por considerar a feira um local mais estável/bom para vendas, para ajudar ou sustentar a família, dificuldades financeiras, desemprego, para ajudar um amigo e ficou, por intermédio de amigos, vizinhos e colegas, mudança de ramo de atividade, era sacoleiro/vendedor ambulante que adquiriu barraça, para ser empregado, trazido pelo patrão, para completar a renda de aposentado, renda extra ao trabalho, gosta de trabalhar, porque foi o lugar que visitou e/ou conheceu quando chegou de outra região/estado/país).

Apesar das dificuldades que ocorrem de forma concomitante ao recrudescimento da freguesia, os feirantes demonstram uma relação de amor e prazer com o trabalho e com a feira em si. Tais sentimentos acabam por sobrepor a simples necessidade de trabalhar e a falta de alternativas gerada pela baixa escolaridade, proporcionando-lhes poucas oportunidades de mobilidade social. Alguns deles moram em bairros da periferia da cidade, outros em bairros próximos à feira, considerados mais populares. Há ainda aqueles que moram em outros municípios e utilizam ônibus ou até mesmo barcos para chegarem ao seu local de trabalho. Esse último caso, refere-se a moradores provenientes das Ilhas. Apesar de o principal meio de transporte ser o ônibus, eventualmente, utilizam carro (taxi, kombi ou veículo próprio), motocicleta e inclusive bicicletas como transporte alternativo. São poucos os que utilizam veículo próprio para chegarem ao trabalho, alegando a falta de estacionamento para guardarem seus carros, motocicletas ou bicicletas.

É relevante observar a caracterização da feira do Ver-o-Peso como um espaço de predominância masculina. Há setores específicos onde apenas os homens trabalham como peixeiros e caranguejeiros e, outros, onde as mulheres são a maioria, como nos setores de ervas medicinais, lanches e refeições. Geralmente, ao falarem sobre o que mais gostam e o que menos gostam naquele lugar, enfatizam a amizade, o companheirismo e o trabalho com um dos aspectos fundamentais para a convivência. Aliás, a amizade é um laço característico entre os feirantes, principalmente nas brincadeiras e nas conversas sobre o trabalho, no contato com as pessoas; na convivência com os colegas; sobre o local para ganhar dinheiro (fonte de renda), o espaço físico (as praças, beira do cais, Forte do Castelo, Praça do Pescador, Baía do Guajará, Mercado de Ferro, o “mar”, o rio), o ambiente (o clima, a vista, o cheiro, o movimento da madrugada, o lazer). Eles gostam de tudo: da tradição que o Ver-o-Peso representa, das comidas típicas, das mulheres, da “sacanagem”, do nome, dos fregueses que retornam e dizem que as “reccitas” funcionaram, enfim, da fartura de produtos. A marginalidade, a prostituição, a venda de drogas e a violência constituem os aspectos que eles menos gostam e que gostariam de que fossem eliminados do local porque os impede de trabalhar sossegados, principalmente à noite, e altera uma das principais características da feira: as festas e o fim-de-noite em Belém. Alguns reclamam da sujeira, da falta de limpeza pública, do descaso do poder público, do barulho e do conflito entre eles. Em síntese, são poucos os que não reclamaram de alguma coisa.

O Ver-o-Peso de alguns anos atrás é descrito como um local onde se ganhava muito dinheiro. A desorganização e o descaso das autoridades levaram o lugar ao abandono e ao aumento da marginalidade, bem como à concorrência de lojas, bares e supermercados que oferecem mais vantagens aos clientes. Dessa forma, algumas pessoas acreditam que uma mudança na sua infraestrutura, padronização das barracas, fiscalização e aumento da segurança dariam um novo alento à feira, trazendo de volta o “cliente mais exigente”. Essa é a grande esperança após o término da atual reforma.

A maioria das histórias sobre o Ver-o-Peso, que está registrada na memória dos feirantes, trata do cotidiano e das relações pessoais travadas ali, envolvendo brigas, amores, desafetos, amizades, malandragens e tragédias. Vasculhando suas lembranças, foi possível resgatar algumas

preciosidades que só atestam a especificidade do local e a riqueza que a cultura regional tem, pois não devemos nos esquecer de que a vida se inicia no mercado e, com ela, o vai e vem de histórias, costumes e tradições (VERGER; BASTIDE, 1992). Assim, observamos alguns fatos envolvendo o Ver-o-Peso, como a reforma de 1984, o remanejamento de ambulantes, os incêndios nas lojas do comércio, as ações da prefeitura, a fiscalização (o “rapa”), a criminalidade, as ações da polícia, policiais truculentos fazendo justiça com as próprias mãos, as festas religiosas (Festa do Sindicato dos Peixeiros para o Círio de Nazaré, a Festa de São João na Feira do Açaí, a Festa da Semana Santa, a Festa de São Benedito da Praia, a Festa do Caboclo Zé Raimundo, Flores para Iemanjá na praça do Pescador) e as não-religiosas realizadas na Feira do Açaí (Festa das Coroas Assanhadas, Festa dos antigos bares Rock in Rio, Xameguinho e Rakata) as histórias míticas da Cobra-Grande, do Boto, e os contos populares do Urubu, do Paneiro e do Relógio. Em meio a isso tudo, a origem do nome do Ver-o-Peso também é lembrada, assim como a visita de artistas famosos do país (Fafá de Belém e Gilberto Gil) e as reportagens da TV e de jornais. É por isso que o ato de comprar naquele lugar mobiliza uma estrutura de trocas que vai além da aquisição de bens porque, além de comprar, as pessoas circulam pelo local “vivendo” o cotidiano do lugar.

Enfim, tudo isso é o Ver-o-Peso. O mercado a céu aberto que representa um “elemento aglutinador por excelência das comunidades que, heteromorfas mesmo quando unidas por interesses e idiomas comuns, precisam de pontos de reunião e de permuta, de entendimento eventual e de trocas” (OLINTO, 1993). Invasa freqüentemente pelas águas do rio Guamá, ameaçada, certa vez, de desaparecimento por interesses comerciais e tendências inovacionistas, a feira representa a síntese de toda uma rica cultura cabocla e regional, um verdadeiro acervo vivo de modos e hábitos de sobrevivência numa paisagem marcante transformada e descaracterizada ao longo de três séculos. O Complexo do Ver o Peso ou, simplesmente, o Ver-o-Peso encerra em si, um espaço significativo para a identidade econômica e cultural da cidade e de toda a região, principalmente das Ilhas que dele dependem. Podemos dizer que o Ver-o-Peso é emblema oficial da cidade e, por que não dizer, de todo o Pará.

Há no Ver-o-Peso uma simbologia e uma memória ligadas à noção de identidade do povo que habita a cidade de Belém, uma vez que é um ponto de passagem obrigatório para todos aqueles que vêm visitar a cidade. Esse aspecto é tão presente na memória da sociedade local que mesmo nos tempos atuais, dos supermercados confortáveis e serviços de internet, existe uma espécie de saudade capaz de comover os mais renitentes. Ir ao Ver-o-Peso tem jeito de ritual de iniciação e relação direta com a infância de boa parte da população com mais de 30 anos ou próximo a essa idade. O lugar está na memória dos mais velhos de diferentes classes sociais, unindo-os ao que há de novo, do tradicional ao moderno, enfim, unindo a elite ao popular, à medida que é nos seus interstícios que as famílias ali se cruzam em suas compras rotineiras ou ritualísticas, como acontece no período do Círio de Nazaré, porque é lá, simbolicamente dizendo, que se encontra a “melhor” maniva para a confecção da maniçoba, o “melhor” tucupi para cozinhar o pato, a “melhor” pupunha, o “melhor” açaí, ou seja, todos itens da culinária tradicional paraense. Sua riqueza não está apenas nesses aspectos, mas sim no seu caráter ambíguo expressamente visualizado em várias direções, como na sua relação entre o público e o privado, entre o território demarcado e o espaço desterritorizado, que é de todos e de ninguém ao mesmo tempo. Isso que dizer que apesar do local se constituir em um espaço público onde pessoas das mais diferentes localidades e classes sociais circulam, ele apresenta uma dimensão extremamente particular/doméstica para os indivíduos que ali vivem. Nessa dimensão, incluem-se alguns barraqueiros que moram na feira propriamente dita, como também homens, mulheres e crianças, compradores e policiais que a “adotaram” como o “seu espaço” (ARANTES, 1994).

Mesmo nos tempos atuais, podemos dizer que Belém ainda respira pelo seu velho Ver-o-Peso. Um lugar que faz parte de sua alma, de sua memória, de seu patrimônio cultural. É a melhor forma de conhecer esse patrimônio é conhecendo sua gente, seus cheiros e odores; reconhecendo o momento em que bairros e ruas se fundem em seu espaço; em que a casa e a rua são uma só porque estar no Ver-o-Peso, para muitos homens e mulheres do povo, é simplesmente estar na sua própria casa.

## FUTURO: A TRADIÇÃO DAS FEIRAS EM QUESTÃO

Sem o Ver-o-Peso como é que eu vou ficar? Eu tô aqui desde criança. Antes vendia saquinho, limão, depois vendi caranguejo e, hoje, vendo meu peixinho. Isso representa tudo pra mim. A gente não tem trabalho. Estou aqui desde os 7 anos de idade, o meu pai tinha barraca aqui, vendia frutas. Ele me trazia pra cá desde pequeno. (Vendedor do setor de peixe fresco, ficha n. 5).

Símbolo da identidade paraense, em especial da cidade de Belém, o Ver-o-Peso pode ser visto como um “ícone” citado por várias camadas da população, sem nenhuma contradição entre elas. Apesar de ter sentimentos divergentes e visões contraditórias, é um símbolo negociável. Há quem veja nele apenas lixo, desorganização e precariedade; mas, há quem veja um mundo próprio, poesia e tradição. Preservação, tombamento e tradição são, portanto, uma ação da modernidade. Ao mesmo tempo em que se preserva a autenticidade dos monumentos e das tradições oriundas dos grupos ali existentes, exige-se na vida moderna, dos viventes destes espaços, rearranjos que tornam possível a articulação entre sua vida cotidiana e a preservação de um patrimônio que não apenas lhe pertence, mas também à humanidade.

Numa inspiração livre em Giddens (1991), podemos dizer que a instauração da modernidade provoca uma profunda transformação na vida social de grupos populares e/ou tradicionais. Uma complexidade que envolve a reorganização do universo das relações sociais, desde os níveis mais elementares. Daí, o essencial é compreender que certos lugares, como uma feira, são ainda o espaço de permanência de ritos e de valores tradicionais. O entendimento dessas questões nos leva a pensar o processo de tombamento como uma faca de dois gumes e não como uma reflexão conjunta de sujeitos culturais e históricos ali envolvidos.

Por fim, algumas questões devem ser levantadas para garantir os usos dos dados coletados, durante a pesquisa, sua finalidade e os objetivos propostos pelo Projeto de Revitalização: a) no caso da Região Norte, há uma inclusão das tradições e experiências populares na versão da historiografia oficial e, portanto, do patrimônio comum a todos os belenses, quiçá do próprio Estado do Pará; b) o Ver-o-Peso representa

um lugar onde há o esperado encontro da história com a memória; c) a memória buscada (a dos trabalhadores da feira) e colocada em termos de uma memória popular encerra, na verdade, uma dupla atitude: a exclusão e a inclusão ideológica dessa memória. Por exemplo, a tentativa de “resgatar” a magia da feira para reforçar a identidade paraense em oposição ao seu abandono pelos poderes públicos por várias décadas, transformando o local em um território marcado pela marginalidade e pela violência; d) qual é a memória que está sendo preservada? E depois da reforma e do tombamento, de quem será esse patrimônio? e) um ponto que não deve ser esquecido dentro dessa nova mentalidade preservacionista e da política de tombamento é a educação patrimonial, um veículo auxiliar e eficaz numa campanha de tombamento. Atualmente, as áreas tombadas não são espaços reservados, mas há um interesse para que a população as utilize racionalmente. E como isso será feito no Ver-o-Peso?

Além das questões anteriores, existe uma bastante interessante e que merece atenção: a quem pertence o Ver-o-Peso afinal? Ao homem das Ilhas (o “caboclo”) que vem vender suas mercadorias; aos homens e mulheres que vivem e trabalham no espaço da feira e que têm nela o cenário para suas histórias de vida; aos cidadãos que vão à feira comprar os produtos que tanto apreciam, aos homens e mulheres que jamais passam por aquele local; aos poetas, escritores, pintores e jornalistas que fazem do Ver-o-Peso “personagem” de suas artes que ora o inaltecem ora o degradam; aos arquitetos, engenheiros e técnicos que acham que ele deve ser reabilitado; aos meninos de rua que “moram” na “toca do morcego”<sup>5</sup>; às prostitutas, aos ladrões e traficantes que atuam no local; às ciganas “escondidas” dos olhares curiosos e preconceituosos da população; aos apontadores do jogo do bicho, aos boêmios; aos feirantes cadastrados e aos ambulantes que também reivindicam o uso do lugar; ao turista que visita o local e sai encantado e/ou decepcionado com o que viu.

Quais as identidades que o lugar representa? Terá o mesmo significado para a memória popular e a memória nacional?

O Ver-o-Peso pertence a todos, sim, mas requer uma política preservacionista eficiente e uma educação patrimonial eficaz para aqueles que utilizam esse espaço. Somente assim, poderemos acreditar que todo

esse processo terá valido à pena. Esperamos que no início de um novo século, a conscientização das autoridades e da sociedade civil esteja mais aberta e voltada para a preservação de fato do que é seu, para usá-la sem destruí-la (MARIANE, 1999). Esperamos também que a busca pelo tombamento de certas áreas seja uma iniciativa de toda a sociedade e não apenas dos interesses das classes dominantes representadas por uma elite política como é o caso do Complexo do Ver-o-Peso. E tudo começou com um compromisso de campanha de um partido político.

Há, ainda, alguns aspectos que devem ser refletidos com relação à tão sonhada reforma iniciada no ano de 2000 e que só deverá terminar na segunda metade do ano de 2003, como parte do Projeto de Revitalização. Tendo o conhecimento de que as dificuldades para se realizar um trabalho na área são de todo o tipo e envolvem recursos financeiros e humanos, perguntamos: será que a Prefeitura dará conta dos projetos políticos, dos interesses da cidade e dos interesses dos trabalhadores do local?

O Ver-o-Peso, esse jovem senhor tricentenário, certamente, ainda será comemorado durante muitos anos, pois é amado por todos, até pelos urubus que quando vão embora, sentem falta do lugar:

Veio um urubu lá de Góias, ontem tem muito boi, aqui pro Ver-o-Peso. Chegando aqui, ele viu como era aqui: um monte de urubu brigando, virando lixo, aquela sacanagem. Aí, ele convidou um desses urubus pra ir lá pra Góias, dizendo que lá tem um boi pra cada urubu. Aí, o urubu foi [...] Mas, um dia, esse urubu ficou triste, num canto. Aí, o outro que havia convidado esse foi lá com ele e perguntou: “O quê que tu tens, que tá triste aí? Sabe o quê?”, respondeu o urubu. “É que eu tô com saudade daquela sacanagem lá no Ver-o-Peso, onde a gente brigava por aquela carniça (Vendedor do setor de hortifrutigranjeiros, ficha n. 117).

## NOTAS

- 1 Este artigo é um extrato do relatório do subprojeto "Inventário Sócio-cultural da Feira do Ver-o-Peso" (CAMPELO, 2000) do projeto "Inventário Histórico, Sócio-Cultural, Arquitetônico e Ambiental do Complexo do Ver-o-Peso, do Departamento de Patrimônio Histórico (DEPH) da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). A elaboração desse projeto contou com a participação das antropólogas Iara Ferraz e Marilu Marcia Campelo, da auxiliar de pesquisa Elna Dias e dos estagiários dos cursos de Ciências Sociais, História e Geografia da UFPA que fizeram a coleta dos dados que se encontra sob a guarda da FUMBEL. Um agradecimento especial é feito a esses jovens pesquisadores (Absague de Araújo Dias, Eva Cristian dos Santos Cardoso, Iane Maria da Silva Batista, Iracema Silva, José Maria Bentes, Jucirene Gomes Balieiro, Leliane Aguiar da Silva, Márcio Denis da Silva Lima, Valéria do Socorro Caldas Passos e Verlane de Aragão Pinheiro) e aos feirantes do Ver-o-Peso que responderam nossos questionários e viabilizaram mais uma pesquisa no seu espaço. Uma versão deste texto foi apresentada no VII Encontro Regional de Antropólogos do Norte e Nordeste, no Grupo Temático: Memórias, Identidades, Narrativas e História Oral, realizado em Recife de 28 a 30 de novembro de 2001.
- 2 O Projeto de Revitalização incluiu em uma primeira etapa a reforma do Solar da Beira e da Praça do Pescador; numa segunda etapa, o Mercado de Ferro e a área adjacente que inclui o setor de hortifrutigranjeiros e de ervas e plantas medicinais, uma terceira etapa, já iniciada, prevê a reorganização da Praça do Relógio, a Feira do Açaí e o restante da feira. Além da reestruturação do espaço, com a padronização das barracas, aumento do número de feirantes e implantação de infra-estrutura, houve também a desobstrução da Ladeira do Castelo, resgatando acessos e espaços para uso da população.
- 3 "O patrimônio se destaca dos demais lugares de memória, uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder. Mais que testemunho do passado, o patrimônio é um retrato do presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural, dos bens que materializam e documentam sua presença no fazer histórico da cidade" (RODRIGUES, 1996, p.195).
- 4 As "Ilhas" aqui referidas estão localizadas na baía do Guajará formada pelos rios Guamá, Moju e o Guajará. Nelas habitam uma considerável população que dependem dos rios e do comércio da feira para sobreviverem.

- 5 Um buraco que existe embaixo das estruturas da área aterrada onde está localizado o Ver-o-Peso e cujo acesso só pode ser feito pelo rio. Nele, os meninos-de-rua dividem os "ganhos" do dia e abrigam-se para "cheirar" cola de sapateiro e dormir. Eventualmente, a polícia realizava "batidas" no local a fim de prender alguns meninos e, assim, garantir a ordem.

## REFERÊNCIAS.

- ARANTES, A. A guerra dos lugares. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional*, n. 23, p.190-302, 1994.
- BOLETIM da Prefeitura Municipal de Belém – SEURB (Departamento de Planejamento), 1998.
- CAMPELO, M. *Em busca de um patrimônio: inventário sociocultural cultural da Feira do Ver-o-Peso*. Relatório de Pesquisa. Belém: Departamento de Patrimônio Histórico (DEPH); Fundação Cultural do Município de Belém; Prefeitura Municipal de Belém. 2000.
- FERRETI, M. *De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina: uma religião de origem africana*. São Luís: SIOGE, 1985.
- FIGUEIREDO, A. N. Banhos de cheiro e rituais amazônicos. *Ciência Hoje*, v. 6, n. 36, p. 59-61, 1987.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- MARIANE, A. A memória popular no registro do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional*, n. 28, p.156-173, 1999.
- MEIRA FILHO, M. Carta do Ver-o-Peso. Belém: FUMBEL; Prefeitura Municipal de Belém, 1998.
- MENEZES, B. de. São Benedito da Praia (folclore do ver-o-peso). 1959. In: *Obras Completas*. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.
- OLINTO, A. Apresentação. In: VOGEL, A.; MELLO, M. A. da S.; BARROS, J.F. P. de. (Org.). *Galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas; Niterói: EDUF, 1993.
- PEREIRA JR., E.; PORTO, E. Feira de São Cristóvão: patrimônio cultural, histórico e artístico. [www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/5/artigos.htm](http://www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/5/artigos.htm). Acesso em out. 2002.

RODRIGUES, M. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional*, n.º. 24, p.195-203, 1996.

VERGER, P.; BASTIDE, R. *Contribuição ao estudo dos mercados negros do baixo Benin*. São Paulo: Corrupio, 1992.

## ASSOMBRAÇÕES DE UM PADRE REGENTE: DIOGO ANTONIO FEIJÓ (1784-1843).

Fernando Arthur de Freitas Neves  
*Universidade Federal do Pará*

A tentativa empreendida por Magda Ricci de responder quem era Feijó já veio agregada dos sentidos presentes entre aqueles a lhe anteceder ao se aventurarem em desnudar a personagem que marcou a regência do Estado Imperial. A sorte de um político, religioso e liberal, quem sabe... religioso, político e liberal ou talvez, liberal, religioso e político, foi extremamente densa na orquestração dos planos e projetos de um moralizador na aurora da nação brasileira.

Volteando sobre as possibilidades de confecção de Feijó, a autora pretende demonstrar faces humanas do biografado ao defrontar-se com os problemas recorrentes na sociedade do século XIX. Assim, longe de eleger um ângulo exclusivo para compor o retrato de Feijó, a solução apresentada em *Assombrações de um Padre regente* é de perceber o nexos tenso entre as opções elaboradas para suprir as necessidades de implantar o modelo liberal no Brasil. Os instantes de dúvidas e incertezas são valorizados para visualizarmos como estava sendo processada a experiência de um senhor de escravo que intentava construir um projeto de abolição da escravidão capaz de converter-se em resposta política e econômica de uma sociedade carente de moral. Nesse exemplo, podemos extrair a constituição de um método forjado na comunidade rural, lugar onde Feijó cresceu.

Anteriormente, em outros estudos, a paternidade do regente fora objeto de intenso interesse. Devido a essa obscuridade, tentou-se assinalar uma marca indelével de caráter motivada pela falta de reconhecimento. Contudo, a alternativa de interpretação de Ricci foi privilegiar o território onde os proprietários de escravos estabeleciam suas famílias, para identificar um ethos na composição do saber ser proprietário de escravo no Brasil. Desse modo, a polêmica se Feijó teria nascido em S. Paulo, Itú, São Carlos ou Campinas é subtraída, embora não seja descartada, para ser enlevada pela experiência que se particularizou em sua vida. Apesar de nascido na